

## A INTERDISCIPLINARIDADE NA CORRENTE DO ANNALES\*

Marcilene Nascimento de  
FARIAS\*\*

De acordo com a avaliação de Peter Burke em seu livro, *A Escola dos Annales*, “a mais importante contribuição do grupo dos *Annales*, incluindo as três gerações foi expandir o campo da história por diversas áreas<sup>1</sup>”. Esse foi sem dúvida um dos principais ganhos teóricos trazido pelos annalistas para a História, permitiu um enriquecimento da disciplina a partir da troca de informações e através do trabalho em equipe, que resultava em ótimos resultados<sup>2</sup>. Burke assim complementa:

O grupo ampliou o território da história abrangendo áreas inesperadas do comportamento humano e a grupos sociais negligenciados pelos historiadores tradicionais. Essas extensões do território histórico estão vinculadas à descoberta de novas fontes e do desenvolvimento de novos métodos para explorá-los. Estão também associadas à colaboração com outras ciências ligadas ao estudo da humanidade, da geografia à lingüística, da economia à psicologia. Essa colaboração interdisciplinar manteve-se por mais de sessenta anos, um fenômeno sem precedentes das ciências sociais<sup>3</sup>.

Isso ocorre devido ao grande corte que a Grande Guerra proporcionou quando inúmeros historiadores, libertam-se de suas ciências, recusando as fontes chauvinistas do positivismo, buscando “abrir outros campos de pesquisa, como uma história comparativa das civilizações mais orientada para as diferentes ciências humanas<sup>4</sup>”.

---

\* Resultado de pesquisa em andamento. Orientador professor Diogo da Silva Roiz.

\*\* Graduada em História pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) Unidade Universitária de Amambai.

<sup>1</sup> BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989) a Revolução Francesa da historiografia*. Tradução: Nilo Odalia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. p. 126.

<sup>2</sup> Segundo Marie-Paule Caire-Jabinet, esses “trabalhos conjuntos exercem grande influência sobre os jovens estudantes de história, dentre os quais se destaca Pierre Villar e Georges Duby, que chegaram à história por meio da geografia. Complementando que: “todos os historiadores formados nos anos 30 reconhecem sua dívida para com a geografia” (CAIRE-JABINET, Marie-Paule. *Introdução à historiografia*. Tradução de Laureano Pelegrin.-Bauru, SP: EDUSC, 2003. p. 114.)

<sup>3</sup> BURKE, Peter. *Op cit*, 2003. p. 126.

<sup>4</sup> CAIRE-JABINET, Marie-Paule. *Op cit*, 2003. p. 115.

As dificuldades da reconstrução dos anos 20 e em seguida, a grande depressão de 1929 trazem à tona as estreitas relações entre política e economia. É nesse contexto que surge na França, a escola de historiadores dedicados à pesquisas inovadoras como François Simiand, Henri Hauser, Paul Mantoux e Ernest Labrousse.

Um dos principais influenciadores dos annalistas, o historiador e sociólogo François Simiand, formulou uma campanha em prol da congregação das disciplinas, em seu livro *Método histórico e ciência social* de 1903, respondendo ao:

recente *Méthode historique appliquée aux sciences sociales de Seignobos*, recusa[ando] seu principal postulado: a história como ponto de encontro e rainha das ciências sociais (...) uma denúncia áspera continuada pela entrada na idade adulta das outras ciências sociais e seu poder de influência<sup>5</sup>.

De fato, essas disciplinas tidas como “auxiliares” passavam por um amplo processo organizacional: a sociologia e antropologia de Durkheim e Mauss criam a *l'Année sociologique* a geografia com Vidal de la Blache, Demangeon e Martonne é inovada com o advento da geografia humana onde homem e seu meio passam a ser estudados sem separação, os ganhos destas aberturas para a história era indiscutível.

Ao contrário dos positivistas que visavam o factual, os Annales, quebrando as barreiras disciplinares, diversificaram os assuntos de pesquisa, lançando olhares para o cotidiano, para a civilização material, às crenças e tudo o que fazia a sedimentação de uma cultura e uma sociedade num dado tempo e período.

É em meio a preocupação relacionada à crise econômica, que a Universidade de Estrasburgo desempenha um papel importante. Para compor o quadro de docentes foram chamados: Maurice Halbwachs, Gabriel Le Bras em sociologia, Henri Baulig em geografia Lucien Febvre, Marc Bloch, Charles-Edouard, Georges Lefebvre em história. “Além disso, a universidade de Estrasburgo abriga[va] também faculdades de direito e de teologia, e desta aproximação nasce uma verdadeira multidisciplinaridade.<sup>6</sup>”

Nesse espaço aberto afirma-se a determinação de se escrever uma outra história, filha da *Revista de Síntese* de Henri Beer. Lançada em 15 de Janeiro de 1929, a revista *Annales d'histoire économique et sociale* tinha como diretores Marc Bloch e Lucien

---

<sup>5</sup> TÉTART, Philippe. *Pequena história dos historiadores*. Tradução Maria Leonor Loureiro. —Bauru, SP: EDUSC, 2000. p. 106-107.

<sup>6</sup> CAIRE-JABINET, Marie-Paule. *Op cit*, 2003. p. 117.

Febvre, sua equipe reunia historiadores economistas, sociólogos, entre outros, formando uma vasta rede de amizade com diferentes disciplinas, que contribuía com o objetivo dos *Annales* de fazer uma revolução na teoria da história.

Tais características fazem com que a trajetória dessa corrente seja explicada como “jogo de sucessivas aproximações, vinculações, aliança e até tentativas de fusão da história com essas diferentes disciplinas que investigam os diversos aspectos do complexo ser social<sup>7</sup>”.

Marc Bloch, Lucien Febvre e Fernand Braudel, não objetivavam transformar as ciências sociais em disciplinas auxiliares, pretendiam eliminar o fundamento das divisões disciplinares, recuperando para a história, a totalidade do social-humano no tempo. Ao longo do itinerário dos *Annales*, cada geração privilegiou e recuperou o diálogo com disciplinas distintas. Esta diferença de diálogo deve-se as mudanças gerais da história européia e ocidental que incidiram na trajetória da corrente. Concomitantes às mudanças de conjunturas sociais, mudam-se as etapas dos projetos intelectuais não sendo casual as datas de 1939, 1968 e 1989 serem decisivas tanto na história da Europa, quanto na dos *Annales*. Assim, os *Annales* de Marc Bloch e Lucien Febvre, irão dialogar com a economia, a sociologia e a psicologia, os *Annales* de Fernand Braudel:

só são compreensíveis com a mútua inter-relação entre geografia e história, e depois entre história, demografia e economia. Já a geração dos terceiros *Annales* vincula-se à antropologia, enquanto que os *Annales* pós-89 voltam-se para um esquema mais aberto de diálogo e interpenetração com quase todo o leque das ciências sociais, inclusive a filosofia, o que constitui uma de suas novidades<sup>8</sup>.

O diálogo entre história e geografia terá um papel central nos *Annales* de Bloch e Febvre, ao associar-se dentro dos estudos históricos o raciocínio geográfico dos problemas, fatos e processos da história. Portanto:

tal raciocínio geográfico introduz os elementos da base geográfica natural, já não como mero marco ou pano de fundo dos acontecimentos históricos, mas como verdadeiros protagonistas ativos do drama histórico. Isso pode ser observado nos estudos de Marc Bloch sobre, *O advento e a conquista do moinho de água*, ou em seus

---

<sup>7</sup> AGUIRRE ROJAS, Antonio Carlos. *Uma história dos Annales (1921-2001)*. Tradução: Jurandir Malerba - Maringá: Eduem, 2004. p.24.

<sup>8</sup> AGUIRRE ROJAS, Antonio Carlos. *Op cit*, 2004. p. 26.

<sup>9</sup> AGUIRRE ROJAS, Antonio Carlos. *Op cit*, 2004. p. 57.

livros sobre os *Caracteres originários da história rural francesa* ou em *A sociedade feudal*. Esse novo modo de incorporar elementos da base geográfica na história será explicitamente teorizado e discutido também no célebre livro de Lucien Febvre sobre *A terra e evolução humana. introdução geográfica à história*<sup>9</sup>.

Marc Bloch liga-se às obras de Henri Pirre e Karl Lamprecht, voltando à história econômica e social. Lucien Febvre, cujo antecessor é Henri Beer, volta-se a temas da história cultural, das idéias, da religião e da ciência, preocupando-se com o diálogo com outras ciências sociais como a geografia e a até mesmo a psicologia, além da “história problema”.

A ruptura entre Marc Bloch e Lucien Febvre, em 1941, inicia uma etapa de transição que se estenderia de 1941 a 1956. Mesmo nesse período transitório, os *Annales*, sob direção de Lucien Febvre, continuariam a privilegiar o diálogo entre a história e as ciências sociais, diálogo esse que fundamentaria a busca de uma história global.

A conjuntura econômica do pós-guerra, entre 1945 e 1968, foi “marcada pela expansão econômica, reconstrução das economias dos países europeus, mobilidade social ascendente e crescimento da industrialização e dos movimentos operários em toda Europa-Occidental<sup>10</sup>”. Todos esses acontecimentos refletirão significativamente no projeto intelectual dos segundos *Annales* de Fernand Braudel.

Fernand Braudel propõe uma radicalização frente ao projeto dos primeiros *Annales*, onde trabalhará em defesa de “uma história interpretativa e problemática (...) na defesa de uma história global aberta às outras ciências sociais”<sup>11</sup>. Os segundos *Annales* resgatam a história quantitativa, demográfica, econômica; inventam a história serial, abrindo os novos territórios da investigação econômica e social. Compartilham com o marxismo campos problemáticos da história econômica, discutem conjuntamente seus respectivos resultados sobre temas como as origens do capitalismo ou as mudanças históricas da burguesia, sobre a história serial dos preços e a dinâmica sobre as diferentes civilizações.

Tamanha era a busca por união entre as diversas disciplinas que Fernand Braudel cria, em 1963:

---

<sup>10</sup> AGUIRRE ROJAS, Antonio Carlos. *Op cit*, 2004. p. 35.

<sup>11</sup> AGUIRRE ROJAS, Antonio Carlos. *Op cit*, 2004. p. 35.

Criou uma nova entidade dedicada à pesquisa interdisciplinar, a *Maison des Sciences de l' Homme*. No seu tempo, a Seção, o Centro e a Maison, todos mudaram para o 54, Boulevard Raspail, onde a convivência com antropólogos e sociólogos da qualidade de Claude-Lévi-Strauss e Pierre Bourdieu, disponíveis para as conversas de café para seminários conjuntos, manteve e continuou a pôr os historiadores dos *Annales* em contato com as novas idéias e desenvolvimento das ciências vizinhas<sup>12</sup>.

A revolução cultural inicia a terceira geração dos *Annales*, que promovem uma ruptura radical com os *Annales* de 1929-1968. Esses terceiros *Annales* se concentrarão na história das mentalidades e no cultivo à antropologia histórica, devido às transformações radicais que a Revolução de 1968 provocou nos mecanismos de reprodução das formas da cultura nas sociedades, colocando no centro da discussão mecanismos como a escola, família e meios de comunicação. No entanto:

A partir de 1968, em todas as historiografias do Ocidente, começaram a florescer e a ganhar vigor, distintas vertentes de uma história, cujos temas centrais são os da cultura. Essa redefinição questionou a relação entre a história e outras disciplinas, deixando em segundo plano a geografia, a economia e a sociologia, que antes haviam alimentado tão centralmente, para auxiliar-se junto à antropologia, à filosofia e a psicologia social<sup>13</sup>.

Assim, em função de novas prioridades, começa a se investigar temas como a família, os imaginários populares, história da loucura, tradições e formas de consciência da classe operária, dos imaginários populares, a idéia da morte ou da descristianização, as sensibilidades e as atividades morais da sociedade, o medo, os odores, o nascimento da idéia de purgatório entre outros. Estudos que, não raro, necessitavam de uma comunicação direta com outras disciplinas.

No contexto pós 68 a terceira geração dos *Annales* lançaram um novo projeto orientado em duas linhas: na antropologia histórica de Emmanuel de Le Roy Ladurie e na história das mentalidades de Jacques Le Goff.

A antropologia, como uma das linhas definidoras do horizonte do projeto dos intelectuais desses terceiros *Annales*, busca recuperar temas e problemas da

---

<sup>12</sup> AGUIRRE ROJAS, Antonio Carlos. *Op cit*, 2004. p. 57.

<sup>13</sup> AGUIRRE ROJAS, Antonio Carlos. *Op cit*, 2004. p. 110.

antropologia clássica, buscando renovar suas práticas de investigação e explicação, a partir da sua aplicação no complexo universo dos comportamentos sociais. Reconstróem-se temas que ocupam a atenção dos antropólogos, como Emmanuel Le Roy Ladurie em *Montaillou*, “análise da história, das práticas matrimoniais, organização do habitat doméstico, dos hábitos alimentícios, higiênicos ou sexuais das pessoas, dos espaços e formas de sociabilidade, em geral os mecanismos de transmissão e circulação da cultura e do saber<sup>14</sup>”.

As idéias de Eving Goffman, Vitor Turner, Pierre Bourdieu, Michel de Certeau, foram adaptadas e utilizadas na construção de uma história mais antropológica, demonstrando intenções mais sérias de alguns historiadores anteriores, que não viam a possibilidade de associar termos como “antropologia histórica” ou “etno-história.”

O impacto de 68, alterou também os vários marxismos resultando na abertura de uma nova esquerda marxista aos fenômenos da conjuntura de 1968-1989, que veio incitar os novos marxistas a abandonar velhas posturas que se voltavam a temas políticos, passando à expandirem-se por novos temas. Os marxistas annalistas ou annalistas marxistas<sup>15</sup> ocupam-se de questões econômicas e temas culturais. Pierre Vilar, por exemplo, ao estilo dos *Annales*, combinou a dialética entre meio geográfico e meio histórico, a influência das revoluções demográficas, as transformações agrárias, a formação da burguesia e o funcionamento do capital comercial, com as categorias e a partir das perspectivas oferecidas por Marx e pelos marxistas ulteriores.

Os *Annales* pós-69 promovem uma diversa história social das práticas culturais e fomentam uma nova história social desenvolvida por autores como Roger Chartier e Alain Boureau. Aliam conceitos, problemáticas, técnicas e enfoques, entre a história, de um lado, e de outra a economia, a geografia, a sociologia e o direito.

Esse diálogo entre história e ciências sociais concretiza-se com as mudanças no plano institucional, com as mudanças do subtítulo da revista, que de *Annales: Economies, Sociétés, Civilisations*, criado desde 1946, passou a *Annales: Histoire, Sciences Sociales*, a partir de 1994. Ocorre também a incorporação de um economista (Andre Orléan) e um sociólogo (Laurent Thevenot). Também ocorre a reincorporação

---

<sup>14</sup> AGUIRRE ROJAS, Antonio Carlos. *Op cit*, 2004. p. 119.

<sup>15</sup> Faz-se importante ressaltar que os marxistas annalistas “vão, por sua vez retomar e prosseguir as linhas de investigação praticadas por Marc Bloch e Fernand Braudel, cultivando a história econômica e continuando o trabalho epistemológico e metodológico forte. Vão, portanto, alimentar e aprofundar com novos elementos a construção de explícitos modelos teóricos e o debate dentro da historiografia.” (Ver: AGUIRRE ROJAS, Antonio Carlos. *Op cit*, 2004. p. 42.)

da história as contribuições da sociologia, da ação e dos atos, e o paradigma da economia e a sociologia das convenções.

A crise econômica e a queda do muro de Berlim fecha a conjuntura aberta pelos sucessos de 1968, encerrando a etapa dos terceiros *Annales* e abrindo a etapa dos *Annales* atuais. Os *Annales* pós-89, propõem uma nova noção de interdisciplinaridade, que segundo eles deveria ser vista, como um processo consciente e explícito de transferências reguladas, de técnicas, conceitos, olhares e paradigmas entre as distintas disciplinas. Esses *Annales* se forem capazes de recuperar os melhores elementos de toda a herança que lhes precedeu, em seu novo projeto intelectual, poderão continuar sendo protagonista de primeira linha dentro da historiografia mundial contemporânea.

É necessário, enfim, ressaltar que essa interdisciplinaridade marcou a historiografia do século XX, através das alianças com diferentes vertentes, marcando o caráter inovador, notável e significativo, que se expandiu para além dos limites franceses, influenciando distintas gerações e fazendo com que os estudos históricos, após essas inovações, jamais fossem os mesmos.